

A LITERATURA DE CORDEL EM CURTO-CIRCUITO COM OUTRAS ÉPOCAS⁶⁵:**MARIA FELIPA, SILENCIADA PELA HISTÓRIA, RESGATADA PELA
MEMÓRIA⁶⁶**Antonia Viviane Martins Oliveira⁶⁷

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir, a partir da teoria da Folkcomunicação, a importância do resgate do passado para ressignificação do presente e do futuro. São analisados os cordéis de Jarid Arraes e Antonio Barreto sobre a heroína baiana Maria Felipa, que embora tenha participado ativamente das lutas pela independência do Brasil na Bahia, enquanto mulher, negra, às margens da sociedade, não obteve reconhecimento nos registros historiográficos. Por meio da tradição oral, sua memória foi preservada e resgatada, constituindo importante referência para a produção de novos sentidos e para uma reescrita humanizada da história.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Folkcomunicação; Mulheres negras; Maria Felipa.

1 Introdução

Olhamos o passado à procura de referenciais identitários que nos impulsionem a um encontro com o nosso próprio eu, que nos fale sobre quem somos e para que viemos. Olhamos à volta à procura de respostas, retornamos ao passado, tentando conectá-lo com o presente, tentando encontrar uma razão específica para as nossas escolhas, para aquilo que acreditamos ser nossa essência, que nos identifica com o nosso estar no mundo. Buscamos uma identidade, algo que nos defina, que justifique a nossa presença. Entretanto, a partir de seus próprios anseios identitários, o intelectual jamaicano Stuart Hall, no documentário *The Stuart Hall Project* (2013), nos anuncia que a busca pela identidade é incessante e inacabada, uma vez que a identidade se constrói da articulação entre aquilo que somos e a carga ideológica das experiências que vivenciamos, do contexto do qual fazemos parte.

Nossa identidade carrega em si as marcas do que fomos, das nossas origens, das nossas referências, dos nossos antepassados, mas se constitui também daquilo que vamos a cada passo experimentando, das nossas vivências desde a infância. Não são as nossas raízes que nos definem, mas a rota que seguimos, na qual se cruzam passado e presente. O nosso presente, ser quem somos, é resultado desse cruzamento com o passado, da nossa consciência histórica, na perspectiva de Paul

⁶⁵ A expressão “curto-circuito com outras épocas” foi empregada por Márcio Seligmann-Silva na apresentação da edição crítica de “Sobre o conceito de História” de Walter Benjamin (2020, p. 11) para se referir à “atualidade” do pensamento do autor “é atual não quem marca passo com o seu tempo, mas aquele capaz de estabelecer curtos-circuitos com outras épocas”.

⁶⁶ Trabalho apresentado no GT 2 (Expressões da folkcomunicação na cultura popular) da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

⁶⁷ Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Ricoeur. Tal perspectiva implica o reconhecimento do poder de afetação do passado e a ampliação do espaço de experiência (RIBEIRO; LEAL; GOMES, 2017). Buscando essa consciência histórica é que propomos, estabelecer um curto-circuito com outras épocas, pois

Devemos despertar do sonho do iluminismo, do sonho do Colonialismo, despertar para a realidade que está ao alcance de nossas mãos e teimamos em não ver. Despertar também para a nossa proximidade com passados cuja afinidade eletiva com o nosso agora permite estruturar um novo “espaço de imagem”, [...], que estará na origem de uma nova consciência e atitude diante do mundo. (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 12-13)

Enquanto produto do projeto colonial, a historiografia brasileira nos subtraiu uma importante página do nosso passado ao silenciar as vozes de mulheres negras que outrora participaram de lutas sociais importantes. Como exemplo, destacamos a baiana Maria Felipa de Oliveira, mulher, negra, baiana, descendente de escravos, marisqueira e capoeirista. Forte liderança em sua comunidade na Ilha de Itaparica, foi figura ativa e fundamental na resistência contra os portugueses nas guerras de independência da Bahia. Longe dos registros historiográficos, sua existência foi preservada pela tradição oral constituindo o imaginário e a simbologia de Itaparica.

Esse silêncio, contudo, foi rompido pela primeira vez, em 1905, em um documento do historiador Ubaldo Osório, avô do escritor João Ubaldo Ribeiro. Um pouco depois, em 1910, o jornalista Xavier Marques publica o *Sargento Pedro*, romance tipicamente praieiro, obra em que Maria Felipa também é citada (MULHERES..., 2013). Desde então, Maria Felipa foi mais uma vez silenciada, e só recentemente um processo de resgate da sua importância começou a tomar forma.

A resistência à Maria Felipa, em parte, se deu porque ela foi heroína de guerra, numa época em que somente homens eram convocados. A rejeição nas comemorações, por ser negra, faz de Maria Felipa na contemporaneidade, um dos símbolos étnicos da liberdade. (LIMA, 2009⁶⁸ apud FARIAS, 2010, p. 33).

Essa simbologia étnica representa importante referência nas categorias identitárias de gênero, classe e raça, podendo ressignificar as identidades de mulheres negras que encontram nas memórias de mulheres invisibilizadas pela história, novos sentidos. Silenciada pela história, é a memória do povo, a cultura popular, que preserva e comunica tão importante referência.

Desse modo, propomos aqui um outro entrecruzamento, este porém, de categorias que se aproximam por compartilharem semelhanças ligadas ao público marginalizado. Destaque-

⁶⁸ Dalva Tavares Lima, Diretora da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior - Carta de Cessão, 2009.

se dentre essas categorias, a figura de uma mulher negra, eleita heroína pela tradição oral, mas histórica e socialmente negada pela sua condição de raça, classe e gênero. Para falar desta heroína, utilizaremos uma outra categoria que Beltrão (1980, p. 24) definiu como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”, a teoria da Folkcomunicação. Dentro dessa teoria, elegemos uma forma, que servirá como nosso objeto de análise, a literatura de cordel.

A partir do entrecruzamento dessas três categorias, nos apoiaremos nas leituras de Stuart Hall (2016) no que tange às questões dos estudos culturais. Considerando que os estudos em comunicação não podem mais ser desenvolvidos sem a indissociabilidade da cultura da mídia e da cultura popular, utilizaremos as reflexões de Osvaldo Trigueiro (2008) e Luiz Beltrão (1980) a fim de nortear nossa incursão na teoria folkcomunicacional. Contaremos ainda com as contribuições de Homi Bhabha (1998) a fim de entender como os cruzamentos entre espaço e tempo produzem figuras de diferença e identidade, e de Walter Benjamin (2012), visando estabelecer curtos-circuitos com outras épocas.

2 Do Povo e Para o Povo

Acreditamos que a comunicação efetiva se faz através da linguagem, que pode ser verbal ou não verbal. Interessa-nos, para a discussão que pretendemos desenvolver, a linguagem verbal, compreendida como oral ou escrita. Para Edilene Matos (2007) existe uma fronteira tênue entre oralidade e escrita cuja tensão produz efeitos em que não mais se reconhecem os traços originais de cada uma delas, os quais se fundem e confundem no ponto de cruzamento da linguagem. Esta, por sua vez, segundo Stuart Hall (2016, p.17), “é meio privilegiado pelo qual damos sentido às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado”.

É na literatura de cordel que melhor percebemos essa intersecção entre o oral e o escrito, pois nascida na oralidade, seus versos foram escritos para serem lidos em voz alta, alcançando uma audiência ampla, constituída por um público que nem sempre tem o domínio mais adequado das letras. A linguagem simples, de rima fácil, conduz o leitor/ouvinte ao conhecimento dos mais variados temas, reportando-nos a tempos passados ou atualizando-nos. Embora as origens do cordel no Brasil sejam reportadas às últimas décadas do século XIX, ainda hoje em pleno século XXI é

intensa sua produção e circulação. Exemplo disso são os inúmeros cordéis produzidos em 2020 com temáticas voltadas para a pandemia do coronavírus⁶⁹.

Na série de reportagens da *Folha de S. Paulo* “O Brasil das várias Pandemias”, a cidade de PIO IX, no Piauí, foi o assunto da matéria publicada no dia 20 out. 2020. Entre as fontes da reportagem nos deparamos com a agente de saúde e também cordelista, Maria Marilene do Monte Carvalho, que tem usado o cordel como uma ferramenta de trabalho para manter seus conterrâneos informados sobre o novo coronavírus. De acordo com a matéria,

A literatura de cordel entrou na batalha contra a Covid-19 quando a agente de saúde notou uma reclamação comum entre as 167 famílias que atendia. “Ninguém estava entendendo as informações repassadas pela mídia sobre o coronavírus” [...] “É uma linguagem mais próxima da gente, explicada (o cordel). Não tem como não entender o conteúdo”, afirma Joana Teresa de Souza Rodrigues, 32. (MAIA; XAVIER, 2020).

A cordelista desenvolve então uma dupla função em sua comunidade, a de agente de saúde e a de agente comunicadora, caracterizando-se como folk-comunicadora. Nos termos de Luiz Beltrão:

O comunicador de folk é o líder de opinião dos grupos sociais aos quais escapam a linguagem e o significado mais profundo da informação transmitida. Graças a suas características de liderança e a sua capacidade interpretativa da informação, esse receptor distinguido se transforma (depois de consultar outras fontes, líderes e meios) em comunicador para uma audiência que o procura e o entende, já que emprega veículos (meios de folk) que, ainda se massivos (como o rádio ou impressos do tipo de folhetos e volantes), lhe são acessíveis e familiares. (BELTRÃO, 1980, p. 32-33).

O comunicador de Folk, desse modo, desenvolve função social imprescindível na comunidade em que atua. Hoje, com a ascensão da internet, essa influência é muito mais ampla, visto o alcance, que alguns desses meios folk, como é o caso da literatura de cordel, podem atingir. Para Marques de Melo a identidade do folclore pode ser conceituada enquanto “fenômeno cultural e como processo comunicacional, fundamentando-se [...] em três elementos básicos: tradição, anonimato e continuidade. Consiste, portanto, numa modalidade de sobrevivência simbólica legitimada e cultivada ininterruptamente pela sociedade” (MARQUES DE MELO, 2012 apud BARROS, 2013, p.38).

Ainda em relação ao exemplo do cordel do coronavírus #FiqueEmCasa, da agente de saúde Maria Marilene, é possível estabelecermos uma ponte entre tradição e continuidade, uma

⁶⁹ Alguns exemplos de cordéis sobre a Covid-19 disponíveis na web: *O coronavírus*: <https://www.sesc-ce.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CORDEL-O-CORONAV%C3%80RUS-2.pdf>; *Cordel do coronavírus*: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/leia-na-integra-o-cordel-do-coronavirus-do-poeta-cearense-tiao-simpatia-1.2226173>; *Coronavírus em cordel*: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/04/26/enfermeira-poetisa-cria-cordel-do-coronavirus-com-dicas-de-prevencao-na-pb.ghtml>

vez que os primeiros cordéis foram enviados por aplicativo de mensagem em formato de vídeo a cada uma das famílias. Só depois, com a ajuda de um patrocinador, é que foi possível distribuir a versão impressa.

Outra inovação tecnológica presente no cordel do coronavírus, se refere ao título #FiqueEmCasa. Inserindo o símbolo jogo da velha (#) - que na linguagem internauta ficou conhecido como *hashtag* - antes de uma palavra, frase ou expressão, esse termo pode ser rapidamente pesquisado em redes sociais. Todas as publicações que usem uma mesma hashtag podem ser mais facilmente encontradas. O cordel, nesse sentido, se reconfigura, utilizando as novas tecnologias a favor da sua continuidade.

Foi através do espaço virtual que tivemos acesso aos dois cordéis que analisaremos sobre a heroína baiana Maria Felipa. O primeiro deles, intitulado “Maria Felipa” integra o livro “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis” da escritora Jarid Arraes, que reconhecendo a importância de referências de mulheres negras na história do Brasil, representou por meio da literatura de cordel a trajetória de luta e resistência protagonizada por elas. Cada história foi publicada de forma independente e em cordéis individuais, vendidos em eventos feministas e pela internet. As publicações fizeram tanto sucesso que as histórias foram reunidas em um livro, publicado em 2017, alcançando em 2020, a segunda edição.

O segundo cordel que iremos analisar foi escrito pelo baiano Antonio Barreto, intitulado “Maria Felipa - uma heroína baiana que a história esqueceu”, publicado em 2008. O cordelista divulga seu trabalho através do blog Voz do Cordel⁷⁰ onde tem mais de 180 títulos publicados abordando diferentes temáticas - crítica social, educação, futebol, humor, biografias e cultura popular.

É importante salientar os pontos de convergência dos cordéis analisados, quanto às condições em que foram produzidos e à temática desenvolvida. Publicados em 2008 e 2017, mantiveram tradição e continuidade em harmonia, conservando a métrica, o ritmo e a rima como características marcantes, ao mesmo tempo que ampliaram seus horizontes saindo dos folhetos impressos para os blogs, e-books, comunidades virtuais e redes sociais. Os dois cordelistas, com propriedade do seu papel social de comunicador folk, buscaram consolidar em seus versos a figura heroica da baiana Maria Felipa, resgatando sua memória e trazendo ao conhecimento do público importante referência da história do Brasil.

Essa convergência entre os cordéis de Jarid Arraes e de Antonio Barreto coloca em evidência o importante papel do agente comunicador que “decodifica mensagens dos meios, as interpreta e transmite a outros meios de interesse coletivo, com habilidade e linguagem própria”

⁷⁰ <https://barretocordel.wordpress.com/>

(MARTINS, 2013, p. 405). Importa que essa linguagem seja efetivamente entendida por seu público, uma linguagem do povo e para o povo.

Assim, o povo, costumeiramente, não tem nos veículos ortodoxos de comunicação meios de expressar suas opiniões e ideais – o que leva à utilização de veículos não tradicionais. Nesse ínterim, aparece a figura do líder de opinião, como personagem quase sempre do mesmo nível social e de franco convívio com seus pares, tendo sobre eles uma vantagem: tem mais acesso aos meios de comunicação do que seus liderados. (FERNANDES, 2011, p.57)

Os autores dos cordéis aqui estudados reportam suas origens sociais à cultura folclórica, a influências familiares e regionais, contudo pertencem a uma nova geração de cordelistas, são urbanos, de formação universitária, familiarizados com as novas tecnologias e ávidos por informação. Na perspectiva de Osvaldo Trigueiro (2008) tais cordelistas seriam sujeitos ativos que operam como encadeadores de transformações culturais para uma renovada ordem social. Nesse sentido o autor desenvolve o conceito de ativista midiático, aquele que

age motivado pelos seus interesses e do grupo ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas. É um narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais. (TRIGUEIRO, 2008, p.48).

Como detentor do conhecimento e mediador cultural resgata na história que não foi documentada importante referencial para o grupo social ao qual pertence. Recorre às informações disponíveis e em seus versos ressimboliza a heroína épica Maria Felipa de Oliveira, reescrevendo a história e resgatando na memória popular o patrimônio histórico cultural que fora silenciado, atestando a simbologia africana representada pela palavra *Sankofa* - retorno ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

3 Maria Felipa: A História Silencia, O Cordel Anuncia

As relações temporais envolvem um ir e vir constantes, avançar em direção ao futuro com os olhos sempre voltados ao passado, pois é nossa consciência histórica, o reconhecimento do poder de afetação do passado, da sua presença, que cria condições para que operemos na produção de sentidos, reconfigurando o que foi e o que está por vir. Para Benjamin (2012, p. 242) “o passado traz consigo um índice secreto, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que envolveu nossos antepassados? Não existem nas vozes que agora ouvimos ecos das vozes que emudeceram?”. Existe um encontro secreto entre as gerações

passadas e a presente, cada geração tem consigo “uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo” (BENJAMIN, 2012, p. 242).

Nossos antepassados clamaram por muito tempo o resgate das suas vozes silenciadas nas páginas da história que não foram escritas. Esquecidas pelos registros historiográficos, essas vozes resistiram na memória popular, que atenta ao apelo do passado, veio à superfície, transformando o silenciamento de ontem em vozes pulsantes e ativas, dispostas a restituir a humanidade que havia sido negada.

Maria Felipa, mulher, negra, marisqueira, pescadora, descendente de negros escravizados, participou das lutas de Independência da Bahia onde liderou aproximadamente 200 pessoas, entre elas, mulheres e índios. Provocou incêndios, planejou batalhas, organizou o envio de alimentos, lutou pela pátria com muita garra e coragem, contudo só recentemente é que foi reconhecida.

O que se sabe sobre a heroína é fruto da tradição oral da Ilha de Itaparica, seus moradores preservaram coletivamente as memórias das suas ações, passaram de geração a geração até que nas últimas décadas as memórias compartilhadas fossem materializadas na escrita.

A Ilha de Itaparica, entre a luta pela independência (1823) e o presente (2010), viveu 187 anos, recuperando, na memória individual e coletiva, o heroísmo dos subalternos que os grupos dominantes se esforçaram em sepultar. Os dominadores escolheram lembranças e esquecimentos e fomentaram dívidas e conflitos. A Bahia se apressou em esquecer Maria Felipa, mulher, negra, pobre e pescadora. Não foi apresentada nos livros didáticos, nem nas comemorações do Dois de Julho, mas, apesar de quase dois séculos de construção do esquecimento, a voz heroica de Maria Felipa não se calou na memória insulana. (FARIAS, 2010, p.39)

A escritora cearense Jarid Arraes, uma das vozes que materializou a heroína Maria Felipa na atualidade, aponta para a falta de referências de mulheres negras na educação formal. Descendente de cordelistas, foi no seio familiar que estabeleceu uma relação afetiva com o cordel, desenvolvendo o dom nato para expressar nos versos sua perspectiva de variados assuntos. Assim, seus cordéis costumam tratar de diversos temas sociais, em geral, trazendo uma abordagem inclusiva para aqueles que estão à margem da sociedade. Foi com esse olhar, e a partir da necessidade de referenciais que a representassem, que a cordelista pesquisou e produziu uma importante coletânea de cordéis, compilados no livro “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”.

Seus versos resgatam do apagamento a história de mulheres negras que optaram pela luta dos direitos coletivos. Nessas narrativas, ela amplifica as vozes outrora silenciadas concedendo-lhes humanidade e visibilidade, reconfigurando passado, presente e futuro, ressignificando a identidade daquelas que fazem parte de uma minoria marginalizada. Nos



redefolkcom



primeiros versos do cordel intitulado “Maria Felipa”, Arraes, enquanto porta-voz dessa minoria, anuncia uma crítica à misoginia e ao racismo, denunciando os motivos que reduziram a protagonista ao esquecimento pela historiografia brasileira.

Nos registros brasileiros
A injustiça predomina
E o danado esquecimento
Na injustiça se culmina
Pois ainda não se acha
Tudo o que se examina.

Esquecidas da História
As mulheres inda estão
Sendo negras, só piora
Esse quadro de exclusão
Sobre elas não se grava
Nem se faz uma menção.
(ARRAES, 2017, p. 97)

Também nessa perspectiva, o poeta popular Antonio Barreto aborda o esquecimento e a exclusão que deixaram Maria Felipa, assim como outras mulheres de grande notoriedade social, à margem do reconhecimento histórico. Para ele,

A História sempre falha
Na hora de registrar
O nome de muita gente
Importante e exemplar
Sobretudo das mulheres
Que souberam o nome honrar.

Muitas vozes femininas
De grande notoriedade
Deixaram um belo legado
Na história da humanidade
Inspiradas no ideal
De justiça e liberdade.
(BARRETO, 2008, p.1)

Cita então Joana Angélica “Que ninguém esqueceria” e Maria Quitéria “Outro exemplo de grandeza/ De coragem e de valor”, ambas heroínas da guerra de independência da Bahia e que obtiveram por seus atos patrióticos o devido reconhecimento assim como inúmeras homenagens e condecorações que atravessam séculos se repetindo até os dias atuais. Entre o esquecimento de Maria Felipa e a recorrente lembrança de Maria Quitéria e Joana Angélica é preciso levar em consideração os aspectos sociais que permeiam as fronteiras que as separam, pois

A história do silêncio vem disfarçada, mascarada, no discurso de poder que nega a heroína. O silêncio, enquanto discurso, converte-se na batalha pela identidade, integra-se aos conflitos pela definição através da qual a comunidade civil, política e de cidadania sua dimensão histórica faz-se representar. A memória revela, notadamente, Maria Felipa pertencendo a uma minoria étnica e a classe social subalterna. (FARIAS, 2010, p.40)

É importante salientar nesse sentido a tênue fronteira que separa as heroínas que foram reconhecidas e a heroína que foi esquecida. As primeiras, Maria Quitéria e Joana Angélica, eram brancas, de famílias baianas abastadas, socialmente privilegiadas, a segunda, Maria Felipa, era negra, marisqueira, socialmente marginalizada. Não era a história das negras de Itaparica que catavam marisco e queimavam os navios dos portugueses que interessava à cultura letrada, pois mulheres como Maria Felipa não representavam a sociedade patriarcal que tinha acesso à escrita. Suas ações patrióticas, desse modo, não mereciam registro e, portanto, deveriam ser apagadas da história.

Homi Bhabha (1998, p. 19), entretanto, diz que “encontramo-nos no momento de transição em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. O apagamento sofrido por Maria Felipa no século XIX passa por um delicado processo de restauração no início do século XXI, devolvendo-lhe a humanidade que lhe fora negada por não estar em uma posição socialmente privilegiada, reescrevendo a história conforme aconteceu, restituindo ao povo negro referências importantes de identidade e pertencimento.

Esse processo de restauração ganha vida nos cordéis de Jarid Arraes e Antonio Barreto, que mais que trazer a memória de uma heroína de guerra ao conhecimento do povo, restituem a esse povo um elemento fundamental para a sua identidade. Não é só a figura de Maria Felipa que recebe, quase dois séculos depois, o reconhecimento que lhe fora negado, mas todo um grupo por ela liderado. Marialva Barbosa (2007, p.41) coloca memória e identidade como indissociáveis, afirmando que a identidade “implica uma espécie de proibição do esquecimento. Afinal, sem lembrança, o sujeito não existe. Por outro lado, é a memória que funda as identidades coletivas, constituindo-se como identidade em ato”.

Nessa perspectiva, os cordelistas, ao cruzarem identidade e diferença, resgatam no passado, para reconfiguração do presente, a heroína esquecida pela historiografia, mas viva na memória popular. Invisibilizada na história que não foi escrita, ela resiste e reexiste, oferecendo ao presente novas possibilidades de representação e identidade para as mulheres negras contemporâneas.

Heroína negra e forte
Líder dessa independência
Para o povo da Bahia
É imensa essa influência
Que dela jamais esquece
Por sua resiliência.

Como fica muito claro
Nosso povo tem história
E por isso nós devemos
O respeito e a memória
Para Maria Felipa

Que viveu imensa glória.
(ARRAES, 2017, p. 101)
Na Ilha de Itaparica
Dizem que ela nasceu
Em que ano: não se sabe
Pois a estória escondeu
Mas na memória da Ilha
Felipa permaneceu.

Conforme historiadores
Era assim o seu perfil:
Uma negra alta, forte,
Inteligente e sutil
Que defendeu sua raça
De uma forma varonil.
(BARRETO, 2008, p.4)

Além de narrar traços físicos e de personalidade da heroína Maria Felipa, “uma negra alta, forte/ inteligente e sutil” os cordelistas narram também, para que se tornem conhecidos, fatos da participação de Maria Felipa na batalha contra os portugueses. Citam o incêndio às embarcações, “Reunidas as guerreiras/Por Felipa lideradas/ Colocaram fogo alto/ Nas embarcações chegadas/E que eram inimigas/ Da gente mobilizada” (ARRAES, 2017, p. 98); a surra de cansaço, “Depois de imobilizados/Todos da tripulação/ Os portugueses sofreram/ Uma grande humilhação:/As mulheres lhe bateram/ Com galhos de cansaço.” (BARRETO, 2008, p.4); entre outros atos decisivos para a vitória dos brasileiros sobre os portugueses.

Os dois cordelistas evidenciam em sua poesia a proposta educativa de informar e alertar as novas gerações sobre a importância do reconhecimento das personalidades que foram excluídas das páginas da história. Maria Felipa representa as minorias que sofreram esse apagamento, mulheres, negros, indígenas, sertanejos, artesãos, trabalhadores, todos aqueles que à margem da sociedade, ficaram relegados ao esquecimento.

Quantas Marias Felipas
Não ficaram para trás
Esquecidas pela História
Que só coloca em cartaz
Os feitos da burguesia
Que nos enganou demais.

Devemos ficar atentos
aos rumos da nossa História
Porque um país decente
Preserva sua memória
E o processo de exclusão
Mancha sempre a nossa glória.
(BARRETO, 2008, p.8)
Na História do Brasil
As mulheres negras são
Baluarte e segurança
Com grandeza e emoção
Lutadoras dessa terra

E heroínas da nação.

Que a partir desse momento
Nossa história vá gravada
Tendo o reconhecimento
Pela batalha travada
Pois só assim que teremos
Nossa alma bem lavada.
(ARRAES, 2017, p.102)

Trazer ao presente referências passadas de mulheres negras por meio da literatura de cordel é atribuir novos sentidos ao presente, mediando passado e futuro. A voz que se faz ouvir, parte das margens para aquelas/aqueles que estão à margem. Priorizar as margens é descolonizar o nosso pensamento, é olhar o nosso povo, os nossos costumes, as nossas reivindicações, é sair do que fizeram de nós para o que verdadeiramente somos.

4 Conclusão

A exclusão social se reflete também no silenciamento daqueles que, à margem da sociedade, lutam por condições de igualdade e justiça. Isso acontece hoje nos variados espaços da sociedade e aconteceu no passado com homens e mulheres por questões de classe, raça e gênero. Maria Felipa foi uma guerreira, cuja primeira batalha foi vencer as imposições que lhe negavam o direito de lutar por uma pátria melhor. Mulher, negra, pobre tinha um espaço de atuação reduzido, mas não se intimidou e com grande coragem e garra entrou de cabeça na luta contra os portugueses, agindo com inteligência e liderança.

Como porta voz do povo, a literatura de cordel, enquanto meio folk de comunicação, resgata nas memórias dos itaparicanos as narrativas que preservaram a força heroica de Maria Felipa estabelecendo curtos-circuitos entre o século XIX e o século XXI. Os comunicadores folk, representados aqui pelos cordelistas Jarid Arraes e Antônio Barreto, buscaram nos meios de informação que tiveram acesso, a história dessa importante heroína para que pudessem lhe restituir a humanidade negada no passado.

Para além do reconhecimento merecido, o resgate de Maria Felipa implica um retorno ao passado capaz de reconfigurá-lo, reconfigurando também presente e futuro. Foram muitas as Marias Felipas que ficaram para trás, apagadas das páginas da história, silenciadas, esquecidas como fragmentos de um passado remoto. Outras Marias Felipas vivem hoje, atuam em suas comunidades, lutam por direitos e por espaço. É nas heroínas do passado que encontram inspiração para as lutas do presente.



redefolkcom



REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis. São Paulo: Pólen, 2017.

BARBOSA, Marialva C. Memória: um passeio teórico. In: _____. Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007. p. 39-52.

BARRETO, Antonio Carlos O. Maria Felipa - uma heroína baiana que a história esqueceu. Salvador: Edições Akadicadikum, 2008.

BARROS, Luitgarde O. C. Folkcomunicação, Variação dos Estudos de Cultura? In: MARQUES DE MELO, José., FERNANDES, Guilherme M. (orgs.). Metamorfose da Folkcomunicação: Antologia Brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 22-40.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas I). 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252.

BHABHA, Homi. Introdução: Locais da Cultura. In: _____. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 19-42.

FARIAS, Eny K. V. Maria Felipa de Oliveira, Heroína da Independência da Bahia. Salvador: Quarteto, 2010.

FERNANDES, Guilherme M. Folkcomunicação, mediação e ativismo midiático: do líder de opinião ao ativismo midiático. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional, Ano 15, n.15, p. 55-67 jan/dez. 2011.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

MAIA, Diego.; XAVIER, Karime. Agente de saúde usa literatura de cordel para ensinar como moradores devem se proteger do coronavírus. Folha de S. Paulo. Pto IX, 25 out. 2020.

Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br/o-brasil-das-varias-pandemias/pio-ix/agente-de-saude-usa-literatura-de-cordel-para-ensinar-como-moradores-devem-se-proteger-do-coronavirus.shtml>>. Acesso em: 24 dez.2020.

MARTINS, Júnia. Comunicação Popular e Região no Brasil segundo Luiz Beltrão. In: MARQUES DE MELO, José.; FERNANDES, Guilherme M. (orgs.). Metamorfose da Folkcomunicação: Antologia Brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p.405-409.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética. Habitus, Goiânia, V.5, n.1, p.149-167, jan./jun. 2007.

MULHERES da Independência: 3 mulheres são heroínas do 2 de Julho. Portal Geledés. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-da-independencia-3-mulheres-sao-heroínas-do-2-de-julho/?gclid=CjwKCAiAoOz-BRBdEiwAyuvA6zGq22zleynreJKByP6UaN1QskvspKVbnrnac4eHiuyFIHt5ZSllhoC3fcQAvD_BwE>. Acesso em: 17 dez. 2020.



redefolkcom

XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

São Luís, 29 e 30 de junho, 01 e 02 de julho de 2021 - UFMA

Página 136 de 806



RIBEIRO, Ana Paula G., LEAL, Bruno S.; GOMES, Itania. A historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem In: MUSSE, Christina F.; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (orgs.). Comunicação, mídias e temporalidades. Salvador: Edufba, 2017. p. 37-57.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação: Sobre o Conceito de História de Walter Benjamin. In: Benjamin, Walter. Sobre o conceito de história. Organização e tradução Adalberto Müller, Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020, p. 9-28.

THE STUART Hall Project. John Akomfrah. Londres: British Film Institute,

Smoking Dogs Films, 2013.1 vídeo (1h38min52s) Disponível em:

<https://vimeo.com/205226601>. Acesso em: 12 dez. 2020.

TRIGUEIRO, Osvaldo M. Folkcomunicação e ativismo midiático. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 29-56